

Dos Cadernos dos Alunos

Concurso Literário do Colégio de Aplicação

*Juçara Benvenuti**

Em prosseguimento à ação de extensão *Concurso Literário* realizada pelo Departamento de Comunicação do Colégio de Aplicação (CAp), nos anos 2007 e 2008, celebramos o aniversário da escola, no primeiro semestre do ano letivo, com as edições comemorativas anuais. O concurso é aberto à comunidade, nas categorias *mirim, infanto-juvenil, juvenil e adulto*, nas modalidades *crônica, poesia* ou *charge* e busca a valorização da memória afetiva da escola. Toda a comunidade é convidada a participar: alunos das séries iniciais, do Projeto Amora, de 7^a e 8^a séries e do Ensino Médio, professores, funcionários, pais e ex-alunos.

O estímulo à produção escrita e o registro dessas memórias da comunidade escolar do Colégio fazem parte dos objetivos do projeto. Os critérios analisados pelas comissões julgadoras são: adequação ao tema, identificação com a modalidade escolhida, criatividade e originalidade, respeitadas as características intrínsecas de cada categoria.

No ano de 2007, as comissões julgadoras foram constituídas pelos seguintes professores: Andrea Czardonay Perrot, Gláucia Regina Raposo de Souza, Ivana Kátia de Souza Ferreira, Laura Vellinho Corso, Luciana Hahn Brum, Márcia Ivana de Lima e Silva, Rita de Cássia Cavalvante, Sandra Mara Appel Kischloski e Tadeu Rossato Bisognin.

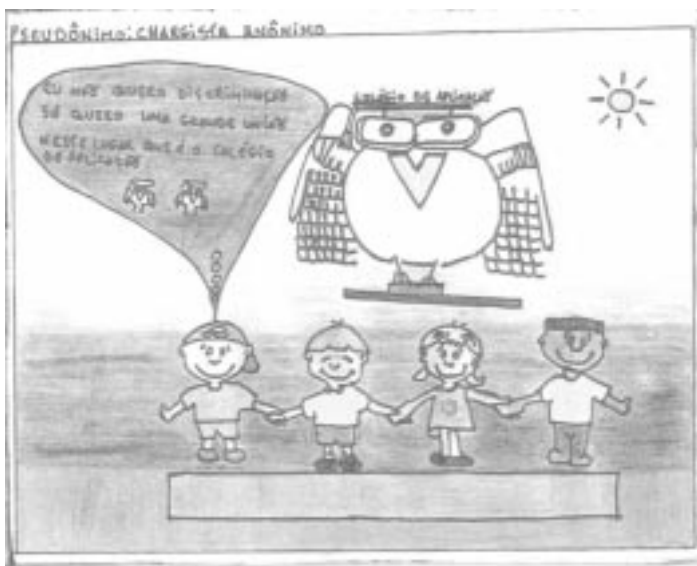
No ano de 2008, foram os seguintes: Adalberto Breier, Gláucia Regina Raposo de Souza, Ivana Kátia de Souza Ferreira,

* Professora de Língua Portuguesa do CAp/UFRGS, coordenadora do Projeto EJA/PROEJA. Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS. Doutoranda do Instituto de Letras da UFRGS. E-mail: jucarabe@cap.ufrgs.br

Márcia Ivana de Lima e Silva, Marlon Mello de Almeida, Sandra Mara Appel Kischloski, Simone Vaccaro Fogazzi e Tadeu Rossato Bisognin.

A seguir os textos premiados em 2007:

Na categoria infanto-juvenil, na modalidade charge e na poesia: Ricardo Matheus Acosta de Barros, da 8ª série, com o texto *Diga não à discriminação e Colégio de Aplicação*.



Colégio de Aplicação
 No Aplicação você descobre
 O seu cantinho predileto
 Desde a sala de aula
 Até um lugar secreto
 No Aplicação você tem
 Os seus melhores momentos
 O bate-papo com os amigos
 Mas sempre rola
 Um contratempo.
 No meu colégio adorado
 Sou sempre bem tratado!

Saudade terei
De cada recreio,
De cada aula
E de cada bagunça.
De um colega
Dizendo: Professora,
Me tocaram uma laranja!
Professora, tiraram os parafusos
Da minha classe!

Colégio de Aplicação
Que um pedaço de mim traz,
Saiba que no meu coração,
Jamais ficarás para trás.

Na categoria infanto-juvenil, na modalidade crônica narrativa, o destaque ficou para a aluna Alessandra M. Moura, da turma Amora I A, com o trabalho *O João-de-barro que se tornou arquiteto*.

O João de Barro que se tornou Arquiteto

Era uma vez um João de Barro que queria aprender como construir uma casa diferente para morar, pois a sua casinha somente tinha uma peça, e como ele havia se desentendido com a sua companheira não tinha como ficar junto. Então, ele resolveu conversar com outros pássaros da Floresta do Morro Santana. O primeiro pássaro que ele conversou foi com seu grande amigo Bem-te-vi. E perguntou-lhe:

– Diga-me uma coisa, Bem-te-vi, como é que eu posso fazer uma casa diferente?

O Bem-te-vi pensou, pensou e disse:

– Sei lá, pois eu somente me preocupo em construir o meu ninho na Estação da Primavera no alto de uma árvore. E sugeriu o Bem-te-vi:

– Quem sabe tu falas com o nosso amigo Sabiá, pois ele sempre está por aí agitando e fazendo festa na floresta.

Então, o João de Barro foi à procura do Sabiá. Voou para o alto de uma árvore cheia de frutos e lá encontrou os seus amigos sabiás comendo frutinhas e contando muitas histórias. Perguntou-lhes:

– Amigos, como faço para construir uma casa diferente e bem resistente? O Sabiá mais velho respondeu:

– João de Barro, tu tens que contratar alguém que tenha bom conhecimento de como construir um.

– Mas com quem tu achas que eu devo conversar?

O Sabiá respondeu:

– Eu sugiro que tu vás até o campo e, procura o escoteiro e desobediente Quero-quero, que ele saberá te orientar e indicar quem poderá te ajudar.

Então, o João de Barro foi ao campo falar com o Quero-quero. Chegando lá viu que os Quero-queros estavam muito agitados, pois eles estavam em guerra com uma matilha de cães e nesta luta feroz eles venceram e expulsaram os cães que haviam invadido o território deles.

O João de Barro se aproximou e disse:

– Com licença compadre Quero-quero? Posso falar um instante contigo? E o Quero-quero respondeu:

– Claro, amigo João de Barro, seja bem vindo ao meu território. Em que posso servir? Respondeu o Quero-quero. O João de Barro perguntou-lhe:

– Tu tens ideia de com quem eu posso me orientar para construir uma casa diferente? O Quero-quero respondeu rapidamente.

– Não tenhas dúvidas, vai falar com o mestre dos mestres, Professor Coruja ele é o mais sábio pássaro da Floresta.

O João de Barro se despediu do Quero-quero e foi procurar o professor Coruja. Chegando a casa dele viu que ele estava repousando. Mesmo assim arriscou acordá-lo e o chamou:

– Professor Coruja, tu poderias me ajudar? O professor olhou para o João de Barro, e viu que ele estava bastante abatido e triste. Com toda aquela paciência de mestre, disse:

– Amigo João de Barro, vejo que tu estás muito preocupado, conta-me o que está acontecendo? E o João de Barro disse:

– Pois é meu amigo Coruja, a minha vida não está boa, me desentendi com a minha companheira e resolvi sair de casa. O Professor Coruja não se conteve e começou a dar risadas e disse:

– Meu amigo, volta pra casa e te reconcilia com a tua companheira, pois ela estará de braços abertos te esperando. Pois, a grande razão de tu viveres é a tua companheira. Faça as pazes com ela e não seja teimoso.

O João de Barro disse:

– Professor Coruja, eu queria construir uma casa diferente para dar de presente para a minha companheira, como faço? O mestre Coruja olhou para João de Barro e disse:

– Vá ao encontro da tua companheira e convida-a para vir ao Colégio Aplicação para aprender com os professores como se constrói uma casa. Pois ali tu aprenderás muita coisa e leva também os teus filhos, eles terão um futuro brilhante.

O João de Barro ficou muito entusiasmado com as sugestões do mestre Coruja que resolveu colocar as ideias em prática. Fez as pazes com a companheira, e foram morar com os filhos no Colégio. Todos os dias eles ficavam atentamente na janela escutando os ensinamentos dos professores e foi assim que o João de Barro aprendeu a fazer sua casinha com duas peças, e a família foi crescendo, crescendo e agora são várias casas que eles têm no Colégio Aplicação e não pretendem sair dali tão cedo.

Na categoria juvenil, na modalidade poesia, o primeiro lugar ficou com a aluna Aline Porto Fernandes da Silva, do 3º ano do Ensino Médio, com o trabalho *Falando do Aplicação*.

Falando do Aplicação

Imagino quantos
Aqui já estudaram
Ou virão a fazê-lo
Neste colégio que me encanta,
Pelo tanto que cresci
Aqui e ali

Ao passar pelos corredores
Avivam-se na memória
Tantas lembranças:
Passar pela CACA
Ouvir o sino tocar,
Nib e Deep Purple,
Não posso me atrasar.

Colégio que lhe fará
Acreditar em
Amizade sincera,
Inocência eterna,
E essencialmente,
Que toda pergunta é válida.

Colégio que gera
Incompreendidas emoções,
Que me faz ter pressa
De realizar sonhos
Tão almejados,
Proporcionados pelo esforço
De professores, funcionários, diretores.
Aplicação,
De tudo apenas uma certeza:
Não há melhor lugar
Pra se estudar.

Na categoria adulto, na modalidade crônica narrativa, o texto premiado foi da professora Ana Paula S. Martins, com o título *A arte do descarrego de sentimentos não muito nobres*.

A arte do descarrego de sentimentos não muito nobres

Sabe aqueles dias em que o tempo se arrasta? Aqueles dias em que você deveria ter ficado enterrado na sua cama ao invés de ter se levantado? Justamente porque lá no fundo algo lhe enviava a informação de que este não era o seu dia...

Sabe aqueles dias em que nada dá certo? Nem mesmo uma coisa muito simples... Pois é... este foi o meu dia do avesso.

O dia de hoje marca o início de um novo ciclo de vida para mim, é um dia muito importante porque eu tenho aguardado por isto há meses. Eis que hoje é meu primeiro de trabalho no CAp. Um dia feliz!!! Sigo eu sorridente saltitando pelas calçadas...

Aí eu ouço uma voz longínqua: “- Acorda Rafa!!! Bem vinda ao mundo real criatura, pois hoje também é o seu dia do avesso.”

Eu me belisco... mas ... foi em vão... não adiantou... hoje é realmente o meu dia do avesso...

Sete horas da manhã e começa a chover torrencialmente na capital dos Pampas, água para todo lado. Olho no relógio, estou em tempo, não vou chegar atrasada no primeiro dia de trabalho apesar da chuva, e nem molhada, pois hoje eu trouxe a minha sombrinha. Hahahaha... ledo engano... estou eu no corredor de ônibus, parada cheia, e eis que passa um ônibus correndo na via alagada. Resultado? Um banho de água cor típica do Guaíba em todas as pessoas que compartilhavam do dito abrigo comigo. Pros ares a minha aura de alegria e presença de espírito zen, proferi a todos os pulmões uma palavra nada bonita. Eu não vi o nome da linha do ônibus, nem daria devido à velocidade que o motorista passou pelo corredor.

A onda de água suja produzida pelo ônibus em movimento veloz me atingiu em cheio. Se serve de consolo... ainda bem que eu estava com a boca fechada.

Fiquei alguns segundos fazendo o levantamento dos estragos... bolsa e pasta com meu material da aula encharcadas, roupa igualmente encharcada, saia indiana e blusa branca de linha tricô. Obrigada ao insight que tive esta manhã que me levou a prender meus longos cabelos em um coque. O inesperado banho produziu um lindo mosaico de sujeirinhas de todo tipo em minhas pernas. Que legal! Arte pós-moderna em meu corpo!

Chegou meu ônibus, que bom ainda estou no horário. O trajeto até meu destino é curto, sentei no fundo do ônibus e

comecei a me secar com meus mágicos e muito úteis lenços de papel folhas duplas super absorventes. Sequei os óculos e retoquei o batom. Pelo menos algo em mim tinha que estar em ordem no primeiro dia de professora no CAp! Chego no colégio e vou direto para o banheiro. Viva as duas pilhas de tolhas de papel sobre a bancada!!! Confiro o relógio, alguns minutos de sobra, ufa... Penso: Por que aqui não tem aquelas maquininhas Dry Hands que tem no aeroporto e nos shoppings? Por quê? Por quê?

Na portaria, no corredor e na sala de aula eu faço cara de paisagem para os olhares dos colegas e alunos que devem estar pensando: “Como ela conseguiu se molhar assim?” Após explicações sobre meu estado molhado iniciei minha primeira aula.

Uma coisa pelo menos deu certo neste dia. Cheguei em tempo no campus e ministrei minha primeira aula sem ter chegado atrasada por causa da chuva.

Quando terminaram as aulas da manhã o sol era luminoso e imperava num céu azul como se a tempestade de logo cedo que alagou ruas e encharcou pessoas tivesse sido um mero pesadelo.

Já perto de casa passei no super, comprei latinhas de cerveja, Polar [porque é daqui!]. Queria comemorar, afinal hoje é um dia importante para mim, apesar dos contratempos. Cheguei em casa e ouvi a mesma voz a proferir com desdenho: “– Acorda Rafa!!! Hoje é seu dia do avesso, esqueceu criatura???” Que ótimo!!!

Pensei, pensei, pensei... devia haver uma forma de descarregar esta energia trancada aqui dentro, esta raiva incontida, produto deste dia do avesso... Quando se está assim neste estado, parece que só o ato de estraçalhar algo numa parede tem o poder de acalmar os ânimos...

Fui até a geladeira, peguei as latinhas de cerveja Polar, me diriji até o meu banheiro e iniciei o ritual de descarrego de sentimentos não muito nobres com o arremesso de latinhas de cerveja no box. Ah... fui tomada por uma leveza súbita na alma ao fim do ritual...

Ainda bem que existem os boxes de banheiro e cerveja em lata para você poder descarregar seus sentimentos, digamos assim... não muito nobres.

Que beleza, pude deitar minha cabeça no travesseiro macio e dormir o sono dos anjos, com o desejo de que o dia do avesso não tenha bis.

A seguir os textos premiados em 2008

Na categoria mirim, na modalidade charge, o primeiro lugar ficou com o aluno Mauro Luciano dos Santos Adolfo Júnior da turma Alfa 3, com o trabalho *Uma Escola boa pra Cachorro!*



Na categoria mirim, na modalidade crônica narrativa, o texto premiado foi da aluna Ana Clara Sast Grassi da turma Alfa 3, com o título *Um Bichinho Diferente*.

Um Bichinho Diferente

Era uma vez um bichinho diferente, por quê?

Porque ele se alimentava de perguntas. O nome dele era João, mas o chamavam de Bichinho Curioso.

Um dia ele foi parar em um colégio, chamado Aplicação.

As alunas Flávia e Ana Clara passavam por ali, quando viram um bichinho cantando. Elas se assustaram e perguntaram:

– Qual o seu nome bicho falante?

– Meu nome é João, mas me chamam de Bichinho Curioso.

E ele perguntou:

– Qual os seus nomes?

E as duas meninas se apresentaram.

Então Ana perguntou:

– Por que te chamam de Bichinho Curioso?

E ele respondeu:

– Porque me alimento de perguntas. Estou morto de fome!

E Flávia falou:

– Tive uma ideia!

Então Ana perguntou:

– Qual?

Aí Flávia disse:

– Lá na sala todo mundo tem várias perguntas, então ele não vai passar fome.

E o bicho falou:

– Vamos lá!

E

Fim!!!

Na categoria mirim, na modalidade poesia, o primeiro lugar foi para a aluna da turma Alfa 4 Valéria Sofia Bagatini, com o trabalho *Trilha do CAp*.

Trilha do CAp

Valéria Sofia Bagatini

Na alfa I foi pura diversão
meu coração não parou
de brilhar na trilha a vida
de aprender a escrever e a ler.

Na alfa II foi pura diversão
meu coração não parou
de brilhar na trilha da vida
e de aprender a desenhar e a sonhar.

Na alfa III foi pura diversão
meu coração não parou
de brilhar na trilha da vida
de aprender a multiplicar e a brilhar.

Na alfa VI foi pura diversão
meu coração não parou
de brilhar na trilha da vida
de aprender a dividir e a fazer poesia.

Na categoria infanto-juvenil, na modalidade crônica narrativa, o texto premiado em primeiro lugar *A Conferência dos pássaros* foi da aluna Alexsandra M. Moura, da turma Amora II.

A conferência dos pássaros

Há um pouco mais de uma década, aconteceu uma grande conferência dos pássaros na Floresta do Morro Santana, afinal algo extraordinário estava acontecendo na planície e, merecia uma atenção especial dos moradores da floresta.

Por sua vez, o Quero-Quero sempre atento e vigilante a tudo que acontece a seu redor, percebeu que havia um movimento bastante grande nas redondezas e, foi verificar do que se tratava. Olhou, olhou e não entendeu nada do que significava todo aquele movimento, e resolveu consultar o seu grande amigo de longa data o João de Barro. E perguntou-lhe:

– Meu amigo João de Barro tu sabes o que está acontecendo na Planície? Há um grande movimento de pessoas e novas construções acontecendo.

O João de Barro respondeu:

– Infelizmente, meu caro amigo, eu não tenho a mínima ideia do que realmente está ocorrendo ali.

– E o Quero-Quero perguntou para o João de Barro. Quem será que pode saber alguma coisa?

O João de Barro, respondeu rapidamente.

– Eu acho que tu deves consultar o nosso amigo Bem-te-vi, ele tem muitos amigos na Floresta. E os dois amigos estavam confabulando e veja quem apareceu... o Bem-te-vi... pois, ele estava bastante preocupado, logo foi dizendo:

– Vocês sabem o que está acontecendo na Planície? E o Quero-Quero respondeu:

– Pois meu amigo, nós iríamos procurá-lo justamente para saber se tens alguma ideia do que estão construindo na Planície. Ou se tu sabes quem pode nos informar sobre o assunto.

O Bem-te-vi respondeu:

– Eu acho que nós devemos consultar o nosso alegre amigo Sabiá.

Então os amigos foram à procura do Sabiá, enquanto o Quero-Quero montava guarda, o João de Barro e o Bem-te-vi voaram para alto de uma árvore cheia de frutos, e lá encontrou os seus amigos Sabiás comendo frutinhas e contando muitas histórias. Perguntaram-lhe:

– Amigos vocês sabem o que significa a construção na Planície? E o Sabiá mais velho disse:

– Eu não sei, mas sugiro que se faça uma consulta a nossa grande amiga Saracura, pois todos os dias ela faz uma grande algazarra na Floresta.

E lá se foram os amigos a cada momento mais preocupados, afinal algo estava acontecendo e, os pássaros ainda não sabiam o que estava ocorrendo. Ao encontrar a Saracura, o João de Barro perguntou:

– Comadre Saracura, tu sabes o que estão construindo na Planície? A Saracura respondeu:

– Parece que é um Colégio, eu sei que o Mestre Coruja está envolvido diretamente no Projeto, pois ele acompanha diariamente a obra.

O Bem-te-vi respondeu:

– Finalmente alguém tem uma noção do que está ocorrendo na planície.

E o Quero-Quero se manifestou:

– Pois, agora que temos alguma ideia do que está ocorrendo, sugiro irmos ao encontro do mestre Coruja, pois ele é o mais Sábio pássaro da floresta e, todos aprenderam a respeitá-lo, admirá-lo. Ele é um exemplo de sabedoria e dedicação. E os amigos chegando a casa dele viram que ele estava repousando. Mesmo assim os amigos arriscaram acordá-lo e o chamaram:

– Professor Coruja, estamos muito preocupados com a construção que está ocorrendo na planície. A comadre Saracura falou que o mestre sabe o que realmente está acontecendo.

Com toda aquela paciência de mestre, disse:

– Não precisam ficar preocupados, pois ali estão construindo o novo Colégio de Aplicação. E acrescentou:

– Temos a oportunidade de participar deste grande empreendimento. Para isto deveremos fazer uma grande Conferência com todos os pássaros do Morro Santana e discutir as tarefas que temos que fazer no Colégio.

E os amigos ali reunidos montaram uma estratégia, de como fariam a grande conferência dos pássaros da Floresta. E a data foi marcada.

O grande dia chegou, e ficou decidido que o João de Barro seria o principal morador do Prédio e, que ele repassaria para os demais pássaros o conhecimento e as informações recebidas dos professores. O Quero-Quero seria responsável pela segurança do Colégio. E, por fim, o Mestre Coruja seria o Professor no Colégio de Aplicação.

E também pela sua intelectualidade ele foi escolhido, por unanimidade, o pássaro símbolo do Colégio de Aplicação.

Fim.

Na categoria adulto, na modalidade crônica narrativa, o texto premiado em primeiro lugar foi de um ex-aluno do CAp Francisco Goulart Jahn, com o título *Aplicação de 1968*.

Aplicação de 1968

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar, eu venho do Aplicação e posso até agradecer!

Ainda não é meio-dia. Meu grupo sai mais cedo, porque já terminamos o trabalho de Matemática. No bar da Filosofia, estão pintando faixas para a passeata. Jogo dedo-bola com o Tibério. Ele já disse que chamar de fingerball este futebol que se joga com dedo indicador na bolinha de gude é render-se ao imperialismo. Ele é pernambucano e foi expulso da faculdade de direito de lá, depois das eleições para o centro acadêmico. Eu sei, mas ele não sabe que eu sei, que ele é da AP (Ação Popular). Só podia ser mesmo, com este sotaque de seminarista. O Zé Loguércio chega e senta para falar com o Tibério. Acho que ele também é da AP. Diz que combinou com o Vieira (presidente do DCE) como vão ser os comícios-relâmpago. Sempre três ao mesmo tempo, só pra fazer a DOPS e o Choque não saberem para que lado ir. Um na Rodoviária, outro na Praça da Matriz e o maior na Praça Quinze.

– Olha ali os *Branca*, ele diz, indicando o Ico e o Goulart; (e canta baixinho) branca, branca, branca, leon, leon, leon, pum. (agora sussurra para nós):

– Dizem que esta semana chega a metralhadora e organizam um grupo de guerrilha no Morro da Polícia.

– Eles são uma dissidência da VPR (vanguarda popular revolucionária), disse o Tibério.

– O Ico tem um irmão no Aplicação, um piá, o Neisinho e o Goulart sempre me chamam de primo por causa de nosso sobrenome - penso eu, em voz alta.

É terça-feira. Não tem aula pela tarde no Aplicação. Dia de nossa reunião de célula, hoje na casa da camarada Tatiana. Os pais dela são professores na UFRGS e acham que estamos fazendo reuniões da UMESPA. Das 14 às 18 h falamos sobre os ensinamentos de J. Posadas, discípulo e herdeiro autêntico do ideário de Trotsky.

A revolução é permanente e iminente. Vamos convocar uma greve geral mundial!

O camarada Carlos (nome de guerra, é óbvio, pois o exercício da clandestinidade faz parte do projeto revolucionário), secretário da célula, faz um informe do editorial do último número do Frente Operária - publicação quinzenal do Partido Operário Revolucionário - Seção Brasileira da 43 Internacional. Não existem motivos para temer os discos-voadores objetos de diversas notícias de aparições recentes. Se eles chegam aqui vindos de um planeta distante e nós ainda não chegamos no planeta deles é porque eles já atingiram um estágio de evolução posterior ao nosso. Obviamente, isto significa que já são socialistas. Eles vêm até nós para conferir e, de forma discreta, auxiliar na construção de um mundo socialista. Procuram os revolucionários autênticos e logo fazem contato conosco, os verdadeiros trozkistas.

A prova de química não foi fácil. Não consigo prestar atenção no conteúdo da aula da professora Solange. Fico com o pensamento paralisado no conteúdo do decote e da roupa dela. Ela tem olhos verdes. Cabelos pretos, agora não muito compridos porque ela cortou um pouco. Chega até os ombros. Seios grandes e firmes. Um corpo insinuante em curvas e volumes. Ela falou *volumes* na última aula e esta palavra não me sai mais da cabeça. Ela fica linda com o vestido branco e verde estampado com ramos e flores. Combina com os olhos que ficam ainda mais luminosos. Lembro-me de duas aulas em que ela está com este vestido e também na semana passada, quando encontrei-a na frente da Engenharia. Eu poderia ter-lhe dito que em uma sociedade socialista a química - como as demais ciências - estará a serviço da coletividade e não do lucro burguês. Seria uma forma de aproximação madura, politicamente... mas ao invés disto, só disse besteiras, fiquei até meio gago. Ela tem vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Eu quatorze. Isto não quer dizer nada! Daqui dois meses, eu farei quinze. Afinal, muitos casais tem dez anos de diferença de idade. Um colega babaca diz que, se eu confessar meu desejo, ela vai me responder: "Que coisa mais querida!" Isso seria inaceitável.

No final da reunião, falamos de assuntos gerais do nosso cotidiano. Falei que não conseguia entender o significado do

número de Avogadro e por isso havia ido mal na prova de química. O camarada Gildo lembra que o revolucionário tem sempre um bom desempenho na escola e no trabalho, mesmo quando o mundo ainda se encontra em seu patamar capitalista. Propôs-se a ensinar-me. Afinal ele já está no terceiro científico e é um dos que já foi procurado pelo Cursinho Pré- vestibular. Ofereceram até dinheiro para ele assistir aulas lá... mal sabem que ele é da Quarta! Ele seria capaz de denunciar a oferta. Só porque ele deverá ter um dos primeiros lugares na Medicina, ficam atrás dele. Seria uma exposição perigosa, por isso a célula decide que ele simplesmente descartará qualquer interesse no cursinho, mesmo que eles ofereçam dinheiro que poderia ser usado para mandar um representante nosso no Congresso da UBES.

6,02 vezes 10 na 23 na casa do camarada Gildo. A mãe dele acaba de nos trazer um lanche: bolo de chocolate e café com leite. Ele lembra que todas as mães têm uma preocupação atávica com a alimentação dos filhos. Lembro que isso não vai mudar com a revolução. De repente um fedor de peido. Mudo, mas intenso.

- Camarada! O que é isso camarada? - pergunto.
- Desculpe, eu não sinto cheiro - ele se justifica.
- Mas de que adianta ter esse nariz, então?
- Pois é! Um verdadeiro nariz idish... mas não sou fanático.

Nada fanático. Nada fanáticos. Descendente de alemão do Clube de Tiro em Montenegro na casa de neto de fugitivos do progrom na Rússia. E nós aqui, enfrentado Avogadro e comungando os ideais trozkistas.

Só uma dúvida: como conseguiremos levar adiante uma greve geral mundial? Cada célula tem de fazer o seu trabalho, é a resposta. Precisamos cumprir nosso papel histórico. Como acontece na França, o movimento estudantil é a vanguarda histórica que com seu trabalho de conscientização trata de transformar as reivindicações transitórias em reivindicações permanentes. Por exemplo, exigimos a melhora das condições de ensino e denunciemos que em nosso país se gasta mais com a alimentação dos

animais do exército do que com salário de professores. Após, conscientizamos a população de que com este governo e com este regime isto não vai mudar. O Exército está a serviço da repressão à Revolução Proletária e garante a manutenção da propriedade privada e por isto ele é considerado uma prioridade neste regime. A cultura e a educação somente serão prioridade dentro de uma sociedade socialista, na qual cada um produz de acordo com sua capacidade, para que cada um consuma de acordo com a sua necessidade.

Estou em minha casa. Termino de jantar e digo para os meus pais que já vou dormir, estou muito cansado. No meu quarto coloco a jaqueta na cadeira, tiro meu tênis *topa-tudo* (tipo guidis, verde exército, melhor dizendo, verde Araguaia) e me cubro vestido. Fico lendo Sidarta de Herman Hesse até escutar que eles fecharam a porta do quarto. Olho no relógio: 11 da noite. Que bom que meu irmão está em São Paulo. A turma dele visita a exposição Bienal. Ele está fora da Quarta, desde a viagem para Montevideo e não me explica o porquê. Ainda por cima faz a cara mais desagradável do mundo, quando lhe chamo de camarada Boris. Leio até as 11 e meia. Levanto silenciosamente. Calço o tênis, pego a jaqueta. Saio pé ante pé, respirando baixinho até o corredor. Desço dois andares a pé pela escada para não fazer barulho. Chamo o elevador para descer os sete andares que ainda faltam. Cumprimento o porteiro da noite com uma forte naturalidade. Aplico minha teoria do otimismo positivo: ele está imaginando que compro um *Minister* para minha mãe e depois ele se esquece de não me ver entrar.

Caminho rápido pela Lima e Silva até a Venâncio Aires. Coloquei a jaqueta e estou suando... Passos rápidos. Um revolucionário tem objetivo. Não é qualquer bêbado que vai me atrapalhar. Uma prostituta na esquina. Melhor nem olhar... ando ligeiro. Se houver algum movimento estranho, corro. Não é que eu tenha medo. Eu preciso chegar. Nessa hora tem pouca gente na rua. Dobro na Augusto Pestana. Chego na casa do camarada Carlos. Bato na porta. Ninguém aparece. Mas tem luz acesa no quarto de cima. Finalmente ele me abre a porta. Estão

todos lá em cima. O plano já está pronto. Rapidamente me explicam: vamos dormir imediatamente e amanhã cumprimos as ações planejadas pelo CR (comitê regional). O despertador toca às 4h. Levanto e faço 20 polichinelos e 20 apoios de frente. Um revolucionário precisa ter saúde! Uma xícara de café preto forte e saímos em dois grupos. Eu faço parte do segundo. Por questões de segurança, desconheço o destino do primeiro grupo.

Chegamos na esquina da Ramiro Barcelos. Estou com a camarada Tatiana e o camarada Carlos. Acho que ela gosta dele. Ele é duro. Um verdadeiro revolucionário. Me diz bem chateado que seu pai é um burguês incorrigível e por isso, infelizmente, precisa ser fuzilado depois da revolução. Ainda bem que meu pai, não. Um fusca cor de vinho está parado. Nos aproximamos. O camarada Carlos aproxima-se do motorista e lhe diz:

– Está livre?

– Desde 1917! - é a resposta.

Entramos no banco de trás, eu e a camarada Tatiana. Já está ali alguém... é o camarada Ciro, do Comitê Regional, um de nossos dirigentes!

O camarada Carlos senta-se ao lado do motorista. O fusca vai até a Av. Mauá e estaciona ao lado do prédio dos Correios. A camarada Tatiana e o camarada Ciro simulam ser namorados e vão ficar na esquina. Se ouvirmos um apito muito fininho, sumiremos cada um para um lado. Eu e o camarada Carlos puxamos o prédio do Museu de Arte: *ABAIXO A DITADURA E VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA*. Acrescentamos *VIVA TROTZKY*. Foice, martelo e um 4 em cima. Jogamos fora o spray e as luvas e voltamos para o fusca. Por enquanto, tudo perfeito. São 5h15. Daqui a pouco vai amanhecer. Vamos para a segunda atividade planejada. Chegamos no bairro Cristal. Estacionamos em uma praça. Um homem está sentado em um banco e pisca um isqueiro quatro vezes. Ele se aproxima e diz para o motorista: os documentos estão em baixo do quarto banco, uma sacola branca. E se afasta. O camarada Ciro e a camarada Tatiana se sentam em um banco. O camarada Carlos vai até o banco onde está a sacola e a traz para o fusca. São cerca de duzentos jornais Frente

Operária. Na capa, no campo superior direito, em destaque, em vermelho, a estampa da foice e martelo recobertos pelo algarismo 4. Vamos distribuir para os primeiros operários que chegam entre as 6h30 e as 6h50. Às 7h chega o grupo de segurança, e aí já precisamos estar longe. Eu tenho uns 100 FOs comigo, camarada Tatiana outros tantos. Cada um vai por um lado. Com um apito começamos a distribuir. Com dois apitos suspendemos a entrega e nos escondemos e com três fugimos cada um para um lado. Estou no portão distribuindo. Dou dois ou três para cada um e digo para darem para os seus colegas. Ainda tenho uns 10 FO comigo, quando alguém lá de dentro grita:

– Ei, guri! Larguei os que ainda tinha nas mãos de alguém que chegava. Corri até a curva do estaleiro, me recompus e fui caminhando até a pracinha. Na outra quadra, o fusca me faz um sinal de farol. Vou caminhando rápido até lá. Já estão todos dentro do carro que arranca rapidamente em direção ao centro. Desço na esquina da Lima e Silva e caminho rápido para casa.

O porteiro me olha com a testa franzida:

– Teu pai e tua mãe já andaram no Pronto Socorro, nas delegacias e nos hospitais. Te procuraram a noite toda!

Respiro fundo, ponho a chave na porta e entro. Minha mãe sentada no sofá, lágrimas escorrendo pelo rosto balbucia alguma coisa como “Meu Deus! Minha Nossa Senhora”...

Paro no meio do tapete. Meu pai de pé, caminha para um lado e para o outro.

– Eu peço desculpas. Pensei que vocês iam ficar dormindo! Digo baixo, engasgado. Vou para o quarto, pego minha pasta e volto para a sala.

– Desculpas mais uma vez. Tchau! Tenho de ir para o colégio.

Na aula, muito sono. A professora de História anuncia que vamos preparar o debate de final de ano. Quase acordo com a notícia:

– Então vamos discutir Capitalismo versus Socialismo! - diz o Bicó. Ela logo responde:

– Não! Julgamento de Napoleão. A direção mudou o programa... Prossegue em tom mais baixo. Estou tão cansado que não consigo nem protestar direito.

Chego em casa. Meu irmão mais velho está na mesa e conversa com minha mãe. Passo direto para o banheiro, mas o escuto reclamando que não digo nem alô para ele. Minha mãe logo explica:

– Ele teve a primeira noite de homem ontem e está bem cansado...

Esta solução está de bom tamanho, pensei sorrindo comigo mesmo. Não gosto de mentir para ela.

Editoração e impressão:

